



COMISSÃO EUROPEIA
DIRECÇÃO GERAL
POLÍTICA REGIONAL

A Situação das Cidades Europeias

Relatório de síntese

MAIO 2007

http://ec.europa.eu/regional_policy/

A Situação das Cidades Europeias

Relatório de síntese

Em Junho de 2005, a Direcção-Geral da Política Regional da Comissão Europeia lançou um convite à apresentação de propostas com o objectivo de explorar os dados estatísticos recolhidos no âmbito da *Auditoria Urbana Europeia*. Na sequência deste convite, a proposta vencedora foi apresentada pela empresa *ECOTEC Research and Consulting Ltd*, em cooperação com a *NordRegio* e a *Eurofutures*. Os trabalhos foram desenvolvidos ao longo de um ano, culminando na produção de um relatório sobre *A Situação das Cidades Europeias* e de outros documentos. O presente documento é uma síntese do relatório sobre *A Situação das Cidades Europeias*.

A *Auditoria Urbana Europeia*, na qual se apoiam estes relatórios, foi lançada na sequência de um projecto-piloto 1998, pela Direcção-Geral da Política Regional e pelo serviço de estatística (Eurostat) da Comissão Europeia. É efectuada pelos serviços de estatística dos Estados-Membros, sob a coordenação do Eurostat, e resulta num manancial de dados estatísticos sobre várias áreas: demografia; aspectos sociais; condições económicas; educação e formação; participação cívica; ambiente; transportes; cultura.

A análise aqui apresentada coloca a tónica em alguns destes dados e baseia-se na mais recente recolha, que abrangeu 258 cidades europeias. Futuramente, serão realizadas outras análises com base na comparação de estatísticas urbanas em curso, que envolve mais de 300 cidades em 27 países europeus, na Noruega e na Suíça. O relatório sobre *A Situação das Cidades Europeias* apresenta uma primeira análise circunstanciada, assente no conjunto de dados estatísticos recolhidos no âmbito da *Auditoria Urbana Europeia*.

As conclusões e as recomendações constantes, quer da presente síntese, quer do relatório integral, são da responsabilidade dos autores e não um reflexo oficial da Comissão Europeia.

Relatório de síntese

Preâmbulo

O presente relatório sobre *A Situação das Cidades Europeias* tem por base os resultados da Auditoria Urbana, que, pela primeira vez, possibilita a comparação de 258 cidades da UE. Após a conclusão do projecto-piloto da Auditoria Urbana em 1999, a Comissão Europeia decidiu dar seguimento a este trabalho introdutório, lançando, em 2002, um exercício de recolha de dados em larga escala¹.

A Auditoria Urbana foi coordenada pela Direcção-Geral da Política Regional da Comissão Europeia, em conjunto com o Eurostat, o serviço europeu de estatística, com a participação dos serviços nacionais de estatística e as autoridades locais em todos os Estados-Membros da UE e os então dez países candidatos à adesão. A Auditoria Urbana recolheu dados de 258 cidades nos actuais 27 Estados-Membros da UE. O conjunto de dados resultante permite operar comparações objectivas entre as cidades abrangidas em toda a Europa, em áreas de demografia, condições sociais, aspectos económicos, educação, participação cívica, ambiente, transportes e cultura.

O presente relatório procura analisar um vasto leque de dados recolhidos pela Auditoria Urbana².

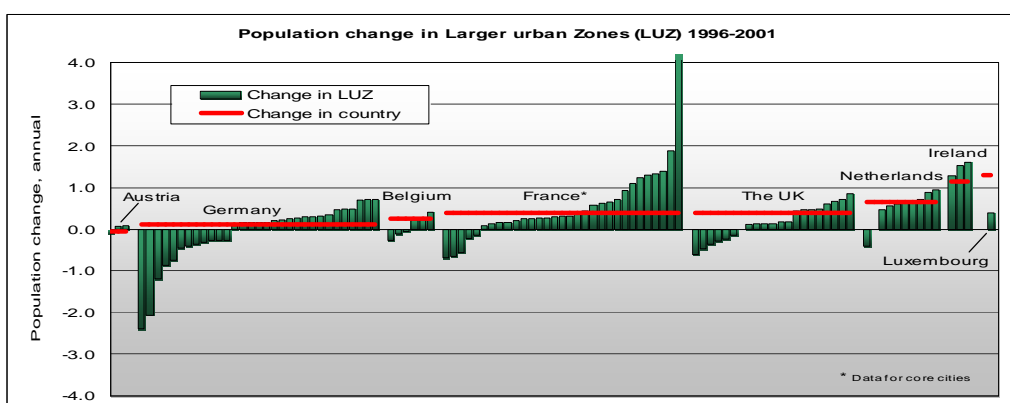
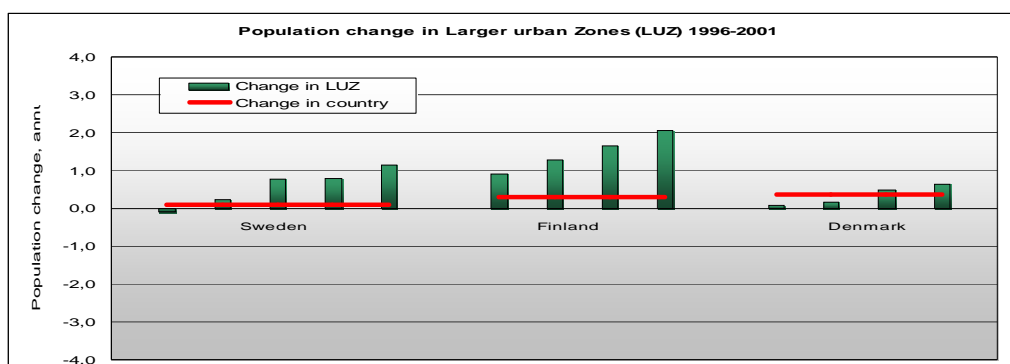
Tem por base alguns dos seus elementos essenciais nos capítulos dedicados à evolução demográfica, à competitividade urbana, às condições de vida e ao poder administrativo das cidades. Os dados dizem respeito a períodos fixos no tempo, designadamente 1991, 1996 e 2001. A Comissão Europeia está actualmente a coordenar uma actualização dos dados referentes a 2004-2005, que incluirá outras cidades e facultará uma fonte adicional de informações sobre as tendências de desenvolvimento urbano na União Europeia.

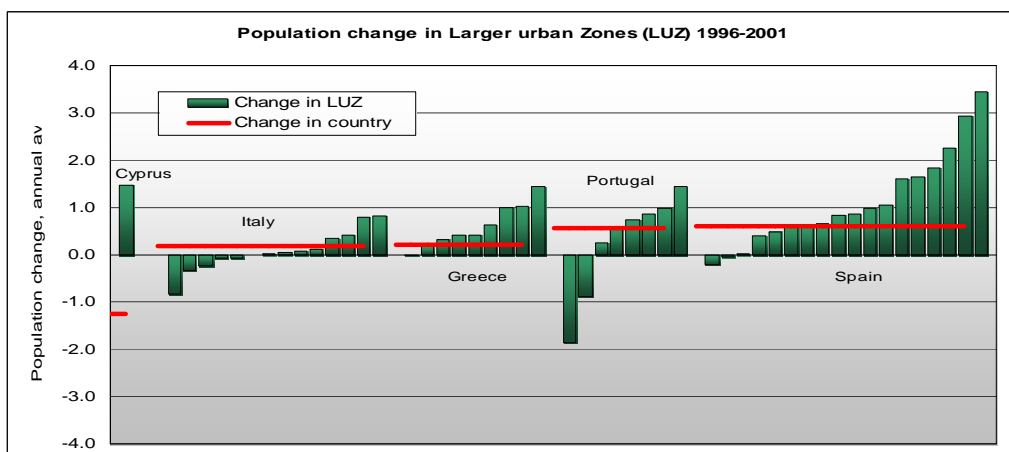
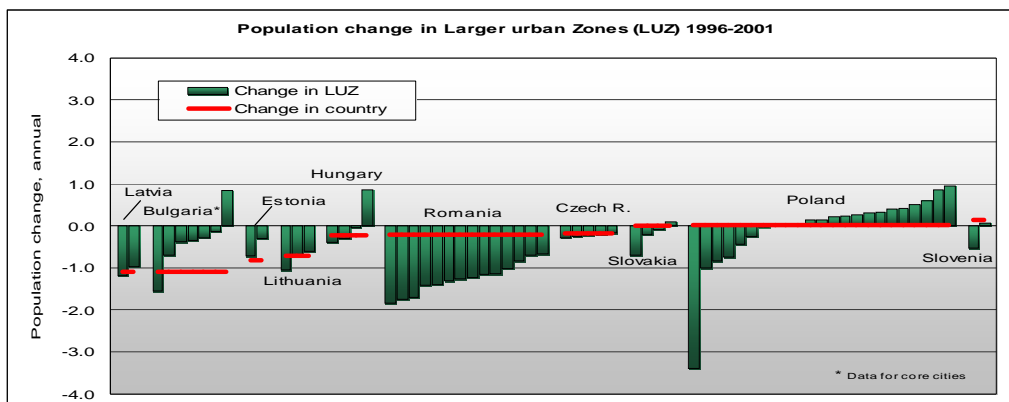
¹ Para consultar dados, perfis das cidades e outras informações complementares, ver www.urbanaudit.org

² Para tal, o consórcio beneficiou amplamente de intercâmbios realizados com um Comité Científico composto por: Prof. G. Gorzelak (Universidade de Varsóvia, Polónia), Prof. J.G Lambooy (Professor emérito, Universidade de Utrecht, Países Baixos), Prof. M. Parkinson (Universidade John Moore, Liverpool, Reino Unido) e M. Pezzini (OCDE, Paris).

A. Crescimento ou estagnação da população?

1. No período de 1996-2001, um terço das cidades cresceu a uma taxa anual superior a 0,2%, um terço manteve estáveis as respectivas populações (taxas de evolução demográfica entre -0,2 e 0,2%) e um terço registou um declínio da população digno de nota. As taxas de crescimento demográfico mais fortes verificaram-se em Espanha, onde algumas áreas urbanas registaram aumentos anuais médios na ordem dos 2% ou mais. Cidades da Irlanda, Finlândia e Grécia verificaram-se também algumas das taxas mais elevadas de crescimento demográfico na UE. Em contrapartida, muitas áreas urbanas na Europa Central e Oriental registaram, no mesmo período, um declínio generalizado da população. Na quase totalidade das cidades, nota-se uma expansão dos subúrbios; e mesmo nos casos em que aí se registam declínios, estes tendem a ser menos acentuados do que nos centros das cidades.
2. De um modo geral, as cidades abrangidas pela Auditoria Urbana nos países nórdicos cresceram a um ritmo substancialmente mais rápido do que as populações nacionais dos países em questão. A disparidade mais acentuada pôde observar-se na Finlândia, onde o crescimento demográfico nas cidades abrangidas pela Auditoria Urbana excedeu, anualmente e em média, o da população nacional em 1 a 2 pontos percentuais. O forte crescimento da economia finlandesa, motivado pela expansão do sector dos serviços, entre 1996 e 2001, constituiu um importante factor desta tendência.





3. Os padrões de evolução demográfica urbana na *Europa Ocidental* são complexos e variados. Na maioria dos países desta parte da Europa, o sistema urbano nacional apresenta padrões mistos de crescimento, estagnação e declínio demográfico. Entre 1996 e 2001, o crescimento demográfico foi mais acentuado em cidades irlandesas abrangidas pela Auditoria Urbana e várias cidades importantes do Reino Unido registaram também aumentos rápidos no número de residentes, enquanto outras assistiram a uma interrupção da anterior tendência para o declínio da população. De um modo geral, a evolução demográfica foi também positiva nas cidades neerlandesas abrangidas pela Auditoria Urbana, enquanto na Bélgica, outro país intensamente urbanizado, as zonas urbanas registaram simultaneamente crescimento e estagnação. Um cenário misto semelhante pôde observar-se em França e na Alemanha, onde os centros urbanos pertencentes à anterior Alemanha de Leste perderam, em muitos casos, uma proporção considerável das respectivas populações.
4. As mudanças no contexto económico e social da *Europa Central e Oriental* produziram um forte impacto na evolução demográfica urbana. As perdas populacionais nesta região não se limitaram às cidades mais pequenas, tendo também afectado as capitais, pesem embora importantes taxas de crescimento económico verificadas em muitos casos. Esta tendência resultou, em primeiro lugar, da estagnação da evolução demográfica natural. Uma diminuição considerável da proporção da população em idade produtiva e mais jovem (com idades inferiores a 45 anos) e um aumento da população idosa (65+) foram evidentes em muitas cidades. Os residentes trocaram os centros urbanos pelos subúrbios numa proporção comparativamente elevada.

5. Na segunda metade da década de 90, muitas cidades abrangidas pela Auditoria Urbana no *Sul da Europa* cresceram fortemente. Em particular, as cidades espanholas assistiram a um importante crescimento demográfico, a ritmos muito superiores à média do conjunto do território espanhol. A imigração e um aumento natural da população estiveram na origem deste crescimento demográfico. Do mesmo modo, as cidades portuguesas registaram níveis elevados de imigração, em especial proveniente dos países africanos de expressão portuguesa, do Brasil e da Europa de Leste. Um cenário claramente diferente verifica-se na Itália, onde a estagnação da população foi a característica demográfica dominante nas cidades abrangidas pela Auditoria Urbana entre 1996 e 2001.
6. *As cidades são afectadas pelo contexto demográfico mais vasto.* Regra geral, as populações das cidades abrangidas pela Auditoria Urbana tendem a crescer a um ritmo superior quando estão localizadas em regiões de crescimento rápido. Assim, parecer ser muito mais difícil para as cidades mais pequenas aumentar a respectiva população (quer graças à imigração, quer ao aumento natural) em regiões periféricas e em declínio, onde os atractivos globais são reduzidos, do que o é para cidades de dimensão idêntica localizadas em regiões centrais dinâmicas.
7. *A estrutura etária e as taxas de crescimento demográfico nas cidades estão relacionadas.* Ainda que o envelhecimento da população seja uma tendência generalizada em toda a Europa, os dados recolhidos pela Auditoria Urbana sugerem, de um modo geral, que as cidades que registam um crescimento demográfico mais rápido são aquelas onde a proporção de idosos é menos significativa e onde os jovens e as crianças são em maior número. Exemplos de cidades jovens e de crescimento rápido são Londres, Dublin e Madrid. Não obstante, nas cidades da Europa Central e Oriental abrangidas pela Auditoria Urbana, não parece existir uma relação directa entre o crescimento demográfico e a estrutura etária. Por outro lado, em especial em cidades em torno do Mediterrâneo, o crescimento da população tem andado a par com o envelhecimento, em resultado de um influxo de residentes mais velhos (pensionistas à procura do sol).
8. *A migração desempenha um papel fundamental.* Regra geral, as grandes cidades abrangidas pela Auditoria Urbana tendem a registar níveis de imigração mais elevados do que as cidades mais pequenas, sendo que uma proporção substancial dos migrantes integra as faixas etárias mais jovens (menos de 40 anos). Por outro lado, as cidades mais pequenas tendem a atrair novos cidadãos de regiões vizinhas, enquanto as grandes cidades parecem exercer um efeito de atracção nos migrantes de locais mais longínquos. Dito isto, o padrão de imigração varia consideravelmente na Europa, com as cidades da Europa Central e Oriental e da Itália e as pequenas cidades da Península Ibérica a atraírem um número comparativamente menos significativo de novos residentes do exterior, no período abrangido pela Auditoria. Em contrapartida, os migrantes internacionais estão largamente concentrados em algumas cidades (nomeadamente em Espanha, Itália e Países Baixos)³ Nas cidades abrangidas pela Auditoria Urbana, os números mais significativos de nacionais de outros países da UE encontram-se na Europa Ocidental, na Alemanha, nos países nórdicos e na Irlanda.

³ Na Auditoria Urbana, não estão disponíveis dados relativos à imigração para o Reino Unido.

B. Qual o contributo das cidades para a competitividade, o crescimento e o emprego?

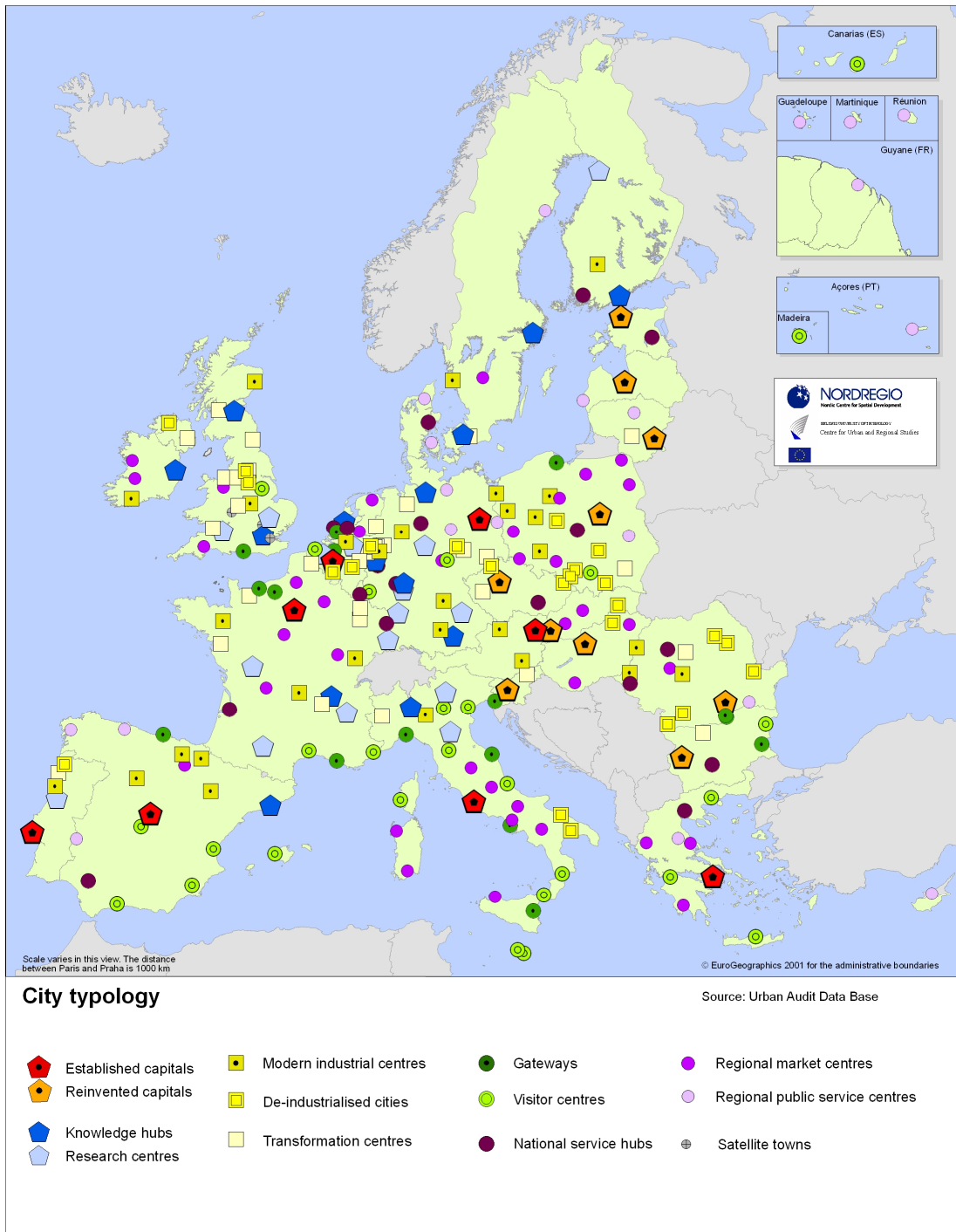
9. *As cidades são os motores indiscutíveis do crescimento económico* na Europa. Em quase todas as cidades europeias, as zonas urbanas são os principais produtores de conhecimento e inovação – os centros de uma economia mundial globalizada. De um modo geral, as cidades de maior dimensão contribuem mais significativamente para a economia, mas nem sempre assim é. Relativamente às cidades com mais de um milhão de habitantes, o PIB é 25% superior ao do conjunto da UE e 40% superior à respectiva média nacional. O contributo das cidades para os níveis do PIB tende a diminuir em função da sua dimensão. As cidades mais pequenas (até 100 000 habitantes) tendem a registar atrasos relativamente aos países a que pertencem, mas situam-se na média das taxas de crescimento económico.

10. *A situação paradoxal do emprego nas cidades europeias verifica-se de forma generalizada.* A concentração de empregos nas cidades é ainda mais importante do que a de residentes, sendo que muitos dos principais centros de emprego da Europa estão aí situados e as cidades de maior dimensão constituem verdadeiras centrais económicas. No entanto, tal como em outras partes do mundo, a riqueza gerada não se traduz necessariamente em taxas correspondentes de emprego dos cidadãos urbanos. Apenas 28% das principais cidades abrangidas pela Auditoria Urbana registam taxas de emprego superiores às médias do país em que estão localizadas (correspondendo a 33% de todos os residentes de cidades abrangidas pela Auditoria Urbana). Apenas 10% destas cidades atingem uma taxa de emprego de 70%, a meta fixada em Lisboa para 2010. As taxas de emprego são particularmente baixas (menos de 50%) em muitas cidades da Polónia, da Bélgica e do Sul de Itália. Os desafios que aqui se colocam têm, muitas vezes, origem em concentrações de grupos comparativamente desfavorecidos em certos bairros urbanos e na não correspondência entre as competências disponíveis e as exigidas numa economia cada vez mais baseada no conhecimento. De um modo geral, as taxas de emprego são fortemente influenciadas pela participação das mulheres. Nas cidades abrangidas pela Auditoria Urbana, a participação feminina na força de trabalho parece complementar, mais do que substituir, os níveis tradicionalmente mais elevados de participação dos homens. As mulheres contribuem consideravelmente para as elevadas taxas de emprego na Europa do Norte, Central e Oriental, em contraste com a situação que se vive na maior parte do Sul da Europa.

11. *As economias urbanas estão a tornar-se rapidamente economias de serviços.* O sector dos serviços é, de longe, a mais importante fonte de emprego nas cidades europeias. Nas cidades da Europa Central e Oriental, o sector dos serviços ainda não é dominante, mas muitas cidades estão a aproximar-se das suas congéneres em outras partes da EU. Se consideradas como um grupo, as cidades da Europa Central e Oriental apresentam um ritmo de crescimento do sector dos serviços mais rápido do que em qualquer outro lugar — o que reflecte a célere e profunda mudança estrutural e a transição económica da última década. Nas cidades europeias ocidentais, o sector dos serviços é, de longe, o mais desenvolvido enquanto fonte de emprego. Dos cinco maiores mercados laborais urbanos da UE27 (Londres, Paris, Berlim, Madrid e Roma), o emprego no sector dos serviços representa entre 80% e 90% de todos os postos de trabalho.

12. Quando se recorre a uma base mais ampla de medição da competitividade económica, *a maioria das cidades com melhores resultados da Europa situa-se no Norte e no Centro da União Europeia*. Em conformidade com o chamado padrão de referência de Lisboa (composto com base nos indicadores estruturais aplicáveis ao nível das cidades⁴), muitas das cidades europeias com melhores resultados situam-se na Dinamarca, Suécia, Finlândia, Países Baixos e na parte ocidental da Alemanha. Bons desempenhos podem também encontrar-se em grandes cidades de França, do Sul da Inglaterra e da parte oriental da Escócia, bem como nas capitais da Península Ibérica. Nos novos Estados-Membros, a Estónia regista bons níveis, enquanto várias capitais, tais como Praga e Budapeste, têm também desempenhos positivos. As cidades com resultados mais fracos relativamente ao padrão de referência de Lisboa encontram-se na Polónia, Roménia e Bulgária. As zonas do Sul da Itália, toda a Grécia e importantes partes da Espanha registam também desempenhos modestos. Também os resultados de várias cidades inglesas são decepcionantes, à semelhança do que acontece em Berlim e na região belga da Valónia. Algumas cidades da Itália, do Reino Unido e da Bélgica encontram-se entre as melhores e as piores categorias, evidenciando as consideráveis disparidades em matéria de competitividade urbana nesses países. Quando se recorre ao padrão de referência de Lisboa, deixa de haver uma relação com a dimensão das cidades – independentemente da sua dimensão, todas as cidades podem registar bons desempenhos.
13. O presente relatório inclui uma *tipologia das cidades*, que pretende dar uma perspectiva mais clara dos desenvolvimentos urbanos e servir de base à comparação entre cidades. Os critérios para encaixar as cidades abrangidas pela Auditoria Urbana nesta tipologia foram: dimensão, estrutura económica, desempenho económico e motores de competitividade. Embora tenha vantagens, a tipologia apresenta algumas limitações. Os tipos das cidades são definidos pelas características dos seus centros e não das suas zonas limítrofes e as cidades podem reconhecer-se em mais do que um grupo. A tipologia deve, pois, ser usada enquanto ferramenta complementar para melhor compreender a dinâmica urbana e ajudar a definir quais as políticas mais adequadas para os diferentes tipos de cidades.

⁴ As variáveis usadas para compor o padrão de referência de Lisboa são 1) PIB por população total residente da área; 2) Produtividade do trabalho (PIB por pessoa empregada); 3) Residentes empregados em % da população total residente 15-64; 4) Taxa de emprego dos trabalhadores mais velhos: população economicamente activa 55-64 em % da população residente 55-64; 5) Desemprego de longa duração: pessoas 55-64 desempregadas ininterruptamente há mais de um ano em % da população residente 55-64; 6) Alunos no ensino superior em % da população residente 15-24; 7) Desemprego juvenil: pessoas 15-24 desempregadas ininterruptamente há mais de seis meses em % da população residente 15-24. A falta de dados pode causar um desvio no padrão de referência.

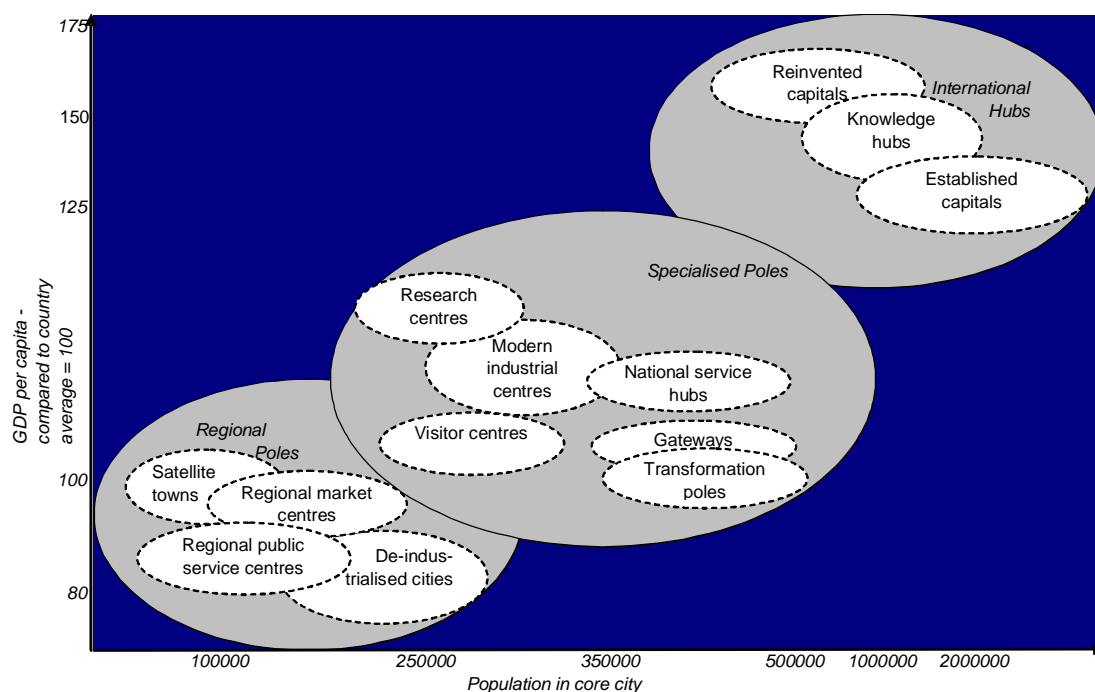


14. Entre estes tipos de cidades, os *Centros Internacionais (International Hubs)* europeus — com uma influência pan-europeia ou mesmo global — destacam-se:

- *Centros de Conhecimento (Knowledge hubs)* – agentes vitais na economia global, posicionados acima da hierarquia urbana nacional e na vanguarda da indústria, das empresas e dos serviços financeiros internacionais, assentes em elevados níveis de talento e excelentes ligações com o resto do mundo;
- *Capitais Estabelecidas (Established capitals)* – firmemente posicionadas no topo das hierarquias urbanas nacionais, como uma base económica diversificada e concentrações de riqueza;
- *Capitais Reinventadas (Re-invented capitals)* — campeãs de transição, de actividade económica para os novos Estados-Membros.

15. Em segundo lugar, é identificável um vasto leque de *Pólos Especializados* (*Specialised Poles*). Estes desempenham um papel internacional (potencialmente) importante em pelo menos alguns aspectos da economia urbana:

- *Centros Nacionais de Serviços* (*National service hubs*) — desempenham um papel essencial na hierarquia urbana nacional, cumprindo funções vitais e, por vezes, algumas funções de capital no sector (público) dos serviços;
- *Pólos de Transformação* (*Transformation poles*) — com um forte passado industrial, capazes de se reinventar, gerir a mudança e desenvolver novas actividades económicas;
- *Vias de Passagem* (*Gateways*) — grandes cidades com infra-estruturas (portuárias) específicas, por onde passam grandes fluxos de mercadorias e passageiros internacionais;
- *Modernos Centros Industriais* (*Modern industrial centres*) — plataformas de actividades multinacionais, bem como de empresas locais que exportam para o estrangeiro;
- *Centros de Investigação* (*Research centres*) — centros de investigação e ensino superior, incluindo actividades empresariais científicas e tecnológicas associadas; bem ligados às redes internacionais;
- *Centros de Visitantes* (*Visitor centres*) — pontos de concentração de grandes fluxos de pessoas de origem nacional ou internacional, com o sector dos serviços orientado para o turismo.



16. Em terceiro lugar, é possível distinguir um grande número de *Pólos Regionais* (*Regional poles*), que são, em muitos aspectos, os pilares das economias regionais europeias de ontem, hoje e amanhã:

- *Cidades desindustrializadas* (*De-industrialised cities*) — com um forte (pesada) base industrial, que se encontra em declínio ou recessão;
- *Centros de mercados regionais* (*Regional market centres*) — desempenham um papel central na respectiva região, em especial em termos de serviços pessoais, empresariais e financeiros, incluindo hotéis/comércio/restaurantes;

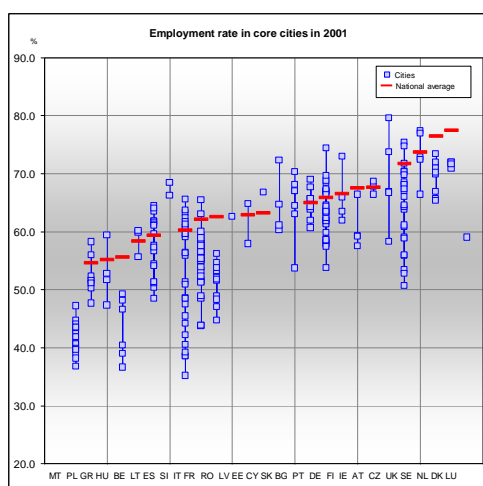
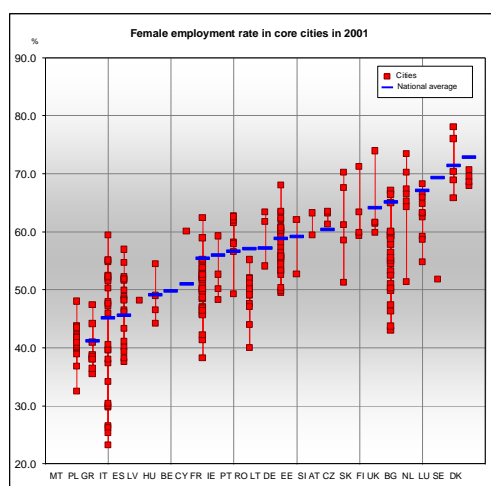
- *Centros de serviços públicos regionais (Regional public service centres)* — desempenham um papel central respectiva região, em especial na administração, saúde e educação;
- *Cidades satélites (Satellite towns)* — cidades mais pequenas que assumiram funções específicas em aglomerações mais vastas.

17. *As diferenças fundamentais entre os tipos de cidades residem na qualidade dos seus "ingredientes"— os motores da competitividade.* É possível distinguir vários *motors de competitividade urbana*: destacam-se a inovação, o talento (em termos de recursos humanos qualificados), o empreendedorismo e a conectividade. Estudos sugerem que a composição e a "articulação" exactas destes motores diferem consideravelmente entre cidades e regiões na Europa⁵ Do mesmo modo, a sua capacidade de desenvolver receitas de desenvolvimento económico e implementar estratégias para criar e manter crescimento e emprego varia em conformidade. É a utilização dada aos principais ingredientes disponíveis que, em larga medida, determina o êxito económico das cidades.

⁵ • *Cambridge Econometrics/ECORYS et al (2003) Factors of Regional Competitiveness*- estudo realizado para a DG REGIO da Comissão Europeia.

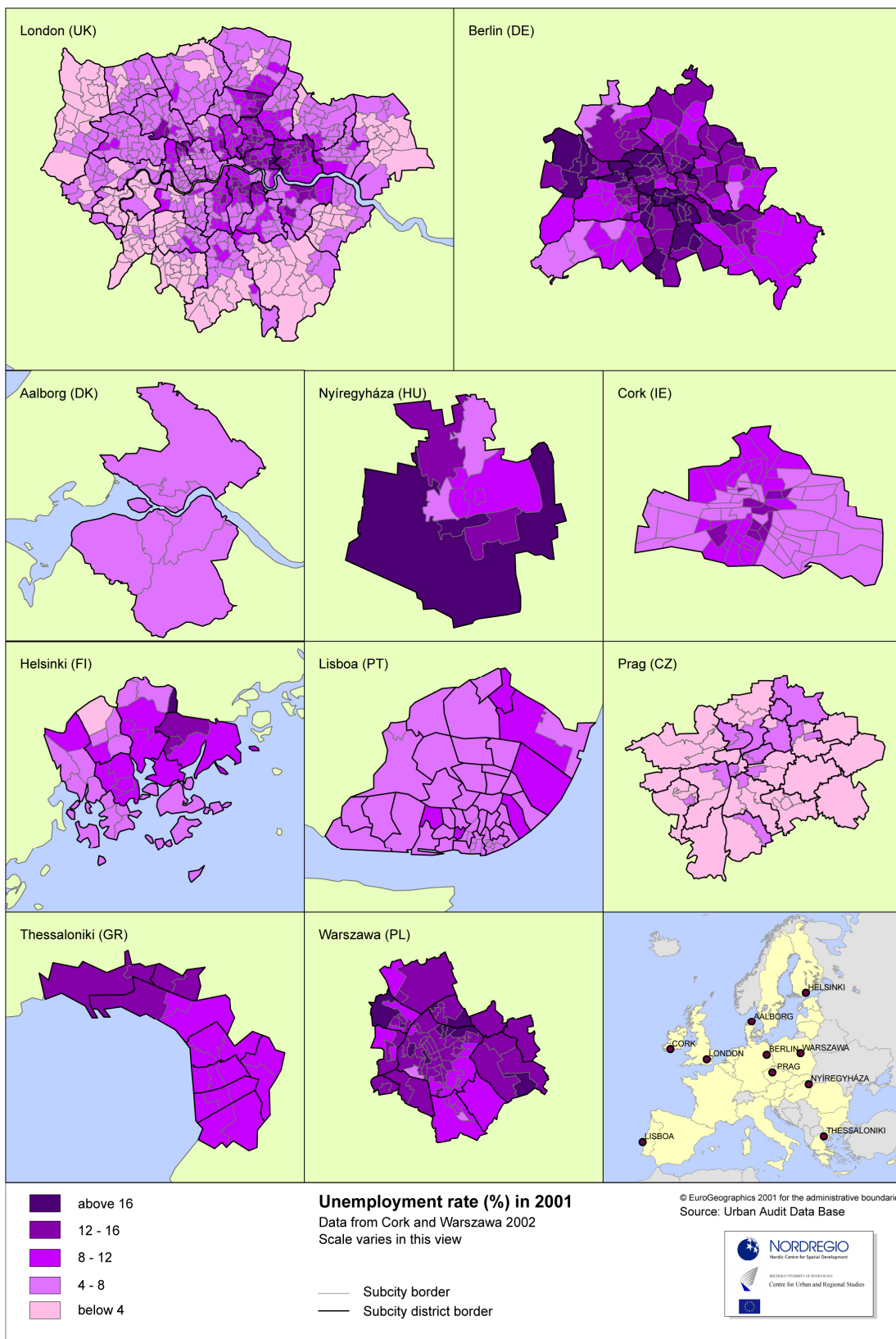
C. Quais as características singulares da vida na cidade?

18. "Trabalhar" — *mas não em todo o lado para todos*. Em algumas cidades do Sul da Itália com taxas de emprego feminino globalmente baixas, menos de 30% das mulheres em idade activa têm um emprego, comparativamente a mais de 70% das mulheres na maioria das cidades nórdicas abrangidas pela Auditoria Urbana. Ainda que a relação entre taxas de participação feminina e estruturas de acolhimento de crianças não seja muito directa, é evidente que só um número muito reduzido de cidades abrangidas pela Auditoria Urbana com elevadas taxas de participação das mulheres apresenta uma percentagem reduzida de crianças em estruturas de acolhimento. Como tal, no conjunto, o potencial para aumentar as taxas de participação é, com certeza, maior nas cidades do Sul da Europa.



19. *As taxas de desemprego tendem a ser mais elevadas nas cidades*. Em toda a Europa, a taxa de desemprego em 2001 era mais elevada do que a média nacional em dois terços das cidades abrangidas pela Auditoria Urbana. As taxas de desemprego eram mais significativas (superiores a 25%) na Polónia, Bélgica e Sul da Itália. As taxas de desemprego mais baixas registavam-se nos Países Baixos, em cidades isoladas da Alemanha e no Norte da Itália. As taxas de desemprego diferiam também entre os centros das cidades e a área urbana mais vasta, bem como entre bairros da mesma cidade, mas não existe um padrão claro. Elevadas taxas de desemprego encontram-se indiscriminadamente em bairros citadinos centrais e em bairros limítrofes específicos, dependendo da morfologia da cidade e da sua estrutura socioeconómica mais vasta.

20. *Dentro das cidades, são observáveis diferenças muito acentuadas nas taxas de desemprego entre os vários bairros urbanos*. Essas disparidades eram particularmente vincadas em França, na Bélgica e no Sul da Itália, mas eram também significativas nas cidades da Alemanha de Leste, nas maiores cidades espanholas e no Norte da Inglaterra.



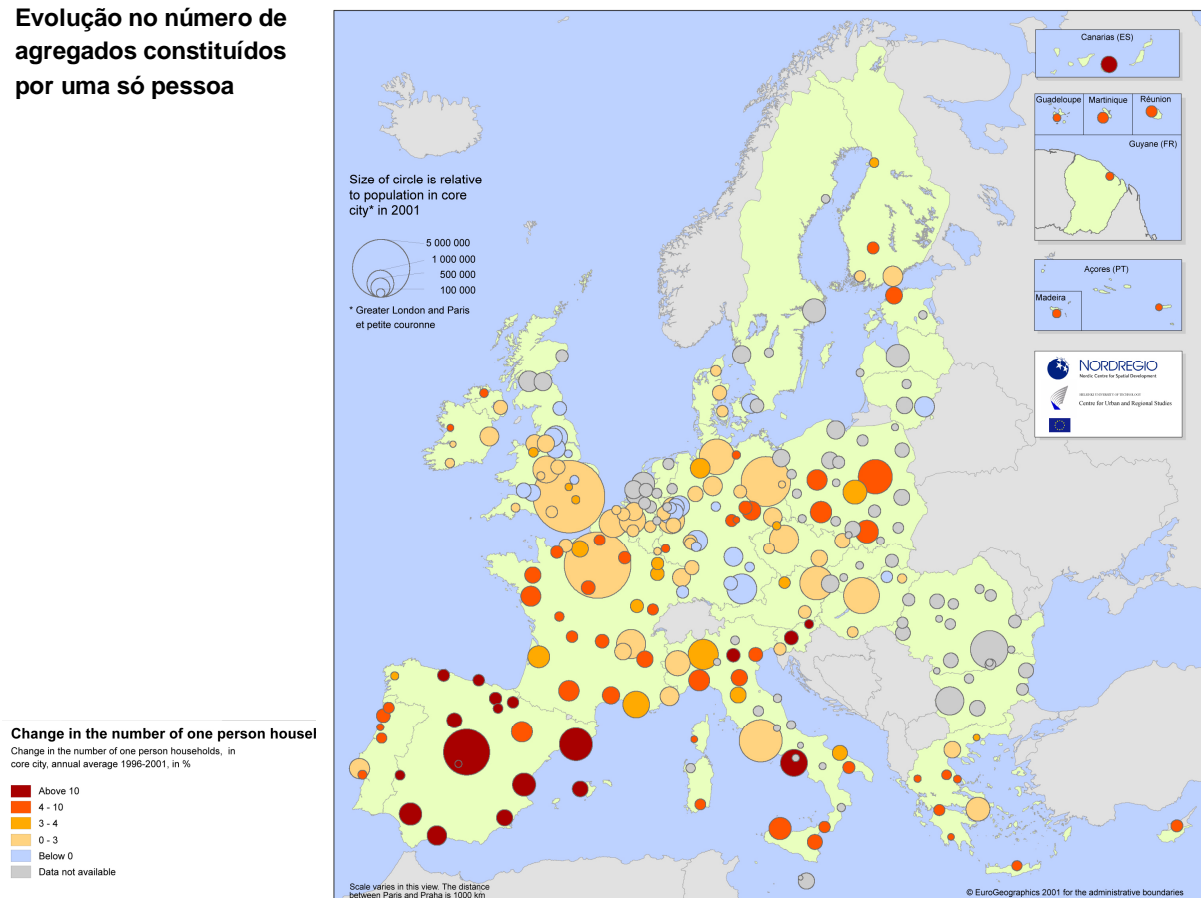
21. As diferenças em termos de *espaço vital por residente* são marcadas na Europa. O espaço vital médio por habitante em algumas cidades é quase três vezes superior ao de outras. Existem mais de 30 cidades onde o espaço vital médio por habitante é superior a 40m² e todas se situam na parte ocidental da UE. Os residentes urbanos nos novos Estados-Membros são muito menos afortunados. Na Bulgária, Letónia, Roménia, Eslováquia, República Checa, Lituânia e Polónia, o espaço vital médio por

habitante é de 15-20 m². O espaço vital médio por habitante é um indicador onde, ainda hoje, a fractura leste-oeste é mais visível.

22. A maioria dos habitantes citadinos da Europa vive em *apartamentos*, que correspondem, em média, a 77% de todas as habitações urbanas na UE. Cerca de 50% das habitações nas cidades europeias são propriedade dos seus ocupantes, ainda que este padrão varie consideravelmente entre os Estados-Membros. Na sequência de iniciativas de privatização, a percentagem dos que possuem casa própria é agora a mais elevada na Hungria, Eslováquia, Lituânia, Bulgária e Roménia, permanecendo muito elevada em Espanha e Portugal. A percentagem de agregados familiares com casa própria é significativamente mais importante nos aglomerados limítrofes do que no centro das cidades, chegando a ser mais do dobro em muitas regiões citadinas.

23. Os *agregados constituídos por uma só pessoa* tendem a gravitar uns em torno dos outros, normalmente nos centros das cidades. É óbvio que os centros das cidades têm níveis elevados de serviços e estão bem colocados para dar resposta às necessidades de pessoas solteiras ou outros indivíduos que vivam sós. Os cidadãos mais jovens são mais facilmente atraídos por locais de entretenimento, enquanto os cidadãos idosos preferem a proximidade das lojas, dos transportes públicos e dos estabelecimentos de cuidados de saúde. Ao mesmo tempo, as famílias com crianças são maioritariamente impelidas para os subúrbios das cidades, onde as habitações são maiores e, muitas vezes, a preços mais acessíveis.

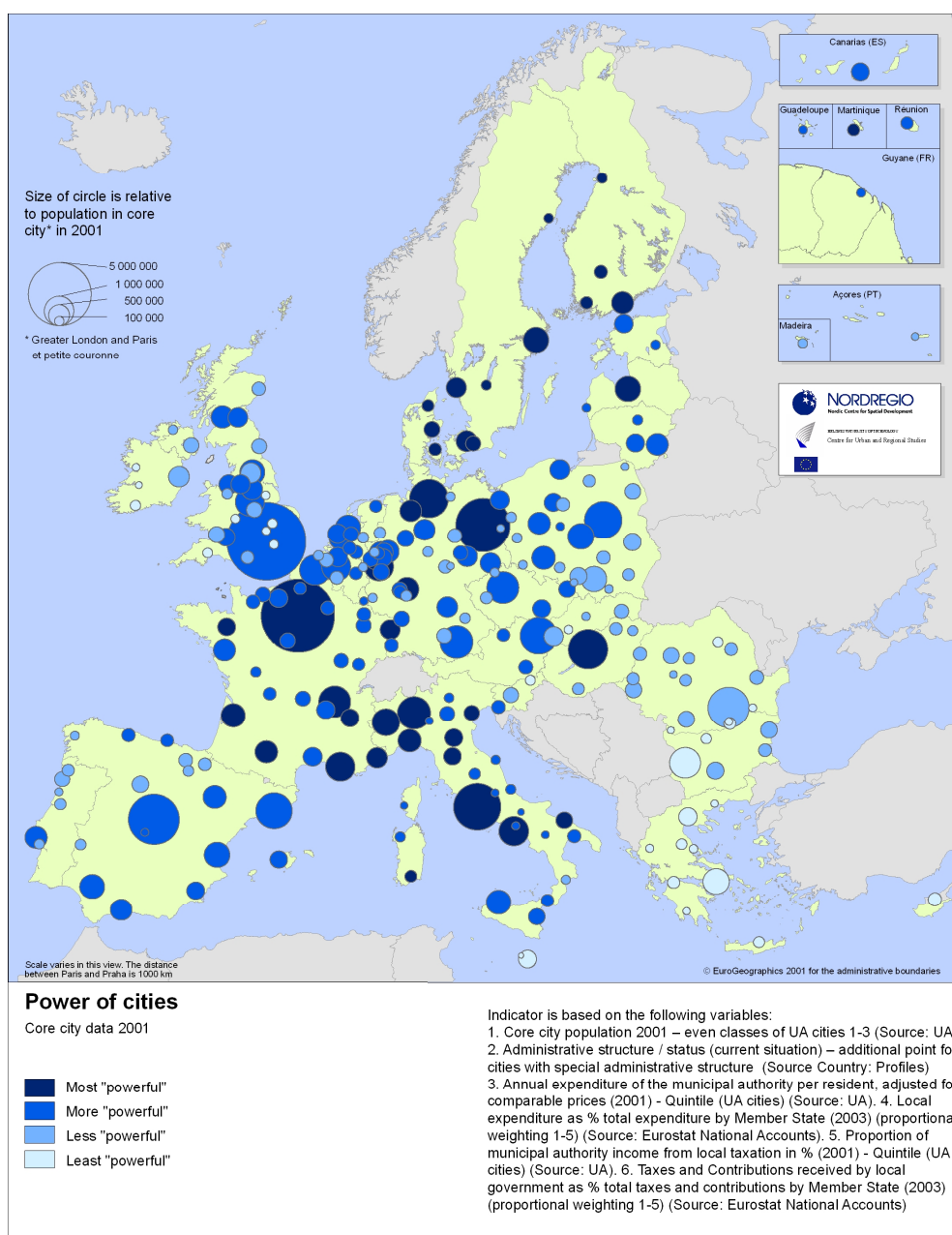
Evolução no número de agregados constituídos por uma só pessoa



24. Os habitantes urbanos são mais *instruídos* do que outros cidadãos europeus. As qualificações de nível superior são muito mais frequentes entre as pessoas que vivem nas cidades. Estas concentrações de pessoas com educação superior desempenham um papel crucial no desenvolvimento de uma sociedade do conhecimento e na exploração do potencial económico que lhe está associado. Quase todas as cidades registam resultados mais positivos do que as respectivas médias nacionais; muitas delas apresentam resultados francamente melhores, em especial nos respectivos centros.
25. Em contraste, as cidades *nem sempre são os locais mais saudáveis* para viver. A esperança média de vida das pessoas nascidas em 2001 é 79 anos para as mulheres e 73 para os homens que vivem nas cidades abrangidas pela Auditoria Urbana. Este número é aproximadamente dois anos inferior à média do conjunto da UE25. As cidades com a esperança de vida mais longa encontram-se frequentemente em Espanha e em Itália, onde as mulheres podem viver até aos 83/84 anos em média. As primeiras 30 cidades em termos de longevidade dos seus habitantes, com esperanças de vida superiores a 81 anos para as mulheres e 75 anos para os homens, localizam-se na Alemanha, Itália, Espanha, Bélgica, Reino Unido, Áustria e Luxemburgo.. As cidades da Europa Central e Oriental dominam o extremo inferior da lista. No interior dos países, grandes variações parecem ser, por vezes, resultado não tanto da actual riqueza e prosperidade, mas, sobretudo, de anteriores estilos de vida. Os estilos de vida, os padrões económicos e os cuidados de saúde – agora e no passado – são, provavelmente, os factores mais importantes que determinam a saúde das pessoas.
26. Viver nas cidades significa, cada vez mais, tempo gasto em *transportes urbanos*. Em especial nas cidades de maior dimensão, a deslocação para o trabalho tornou-se um verdadeiro desafio da vida quotidiana. A grande linha divisória em termos de modos de transportes nas cidades europeias encontra-se entre os novos e os antigos Estados-Membros, com os transportes públicos a desempenhar um papel muito mais importante nos primeiros. Em cidades como Bratislava e Budapeste, mais de dois terços das deslocações de e para o trabalho são feitas de metropolitano, eléctrico ou autocarro. A situação oposta prevalece em alguns outros Estados-Membros, em especial o Reino Unido. Na maioria das cidades britânicas, mais de 80% das deslocações de e para o trabalho são feitas de automóvel.
27. Regressando à questão das características singulares da vida nas cidades, a Auditoria Urbana traça um retrato dos habitantes citadinos, que cada vez mais vivem em agregados constituídos por uma só pessoa, rodeados por uma diversidade crescente de vizinhos e com capacidades muito diferentes de participação nas sociedades urbanas em desenvolvimento que os rodeiam. As pessoas instruídas estão mais bem colocadas para tirar partido das oportunidades económicas disponíveis, enquanto os menos cultos correm maior risco de exclusão. Dar resposta a esta dualidade é um dos principais desafios que se colocam às cidades em termos de coesão social.

D. Que poder têm as cidades?

28. O relatório integral fornece um retrato inicial do poder relativo dos governos citadinos na UE. Quer se tratando de desafios económicos, sociais ou outros, os resultados do relatório revelam que cidades individuais podem remar contra a maré, formular e aplicar estratégias e procurar investimentos que façam a diferença. Não obstante, o grau em que as autoridades citadinas podem moldar o futuro das respectivas cidades depende do seu poder. Tendo em conta a dimensão e a estrutura administrativa e com base nos dados da Auditoria Urbana em matéria de despesas das autoridades citadinas e de receitas fiscais locais, bem como em informações sobre receitas e despesas de governos locais, usámos os dados quantitativos disponíveis para desenvolver um índice do "poder" relativo de governos citadinos na UE.



Para mais informações, consultar o relatório integral em:

http://ec.europa.eu/regional_policy/themes/urban/audit/index_en.htm